# A Gaivota

SETEMBRO DE 1950

## *A OVELHA PERDIDA*

*Bastos Tigre*

*Qual dentre vós que cem ovelhas tendo*
*E uma delas perdendo,*
*Não deixa as outras tôdas e não parte*
*Por vales e por serras, em batida,*
*Solicito, a buscar por tòda parte*
*Sua ovelha perdida?*

*E quando a houver achado, jubiloso,*
*não reune os amigos numa festa,*
*Dizendo-lhes: — é esta,*
*É esta a ovelha que perdido eu tinha!*
*Vinde regozijar-vos com o meu gôzo,*
*Vinde juntar-vos à alegria minha!*

*Assim, digo-vos eu*
*Que haverá maior júbilo no Céu*
*Por um só pecador arrependido,*
*Que por um cento*
*De justos que o meu Reino Prometido*
*Hajam bem merecido*
*E não precisem de arrependimento.*

A CAPA

No dia vinte e dois de setembro de mil oitocentos e vinte e sete, Joseph Smith recebeu as placas de ouro. Tendo ido no fim de cada ano ao lugar onde elas estavam depositadas, o mensageiro celestial lhas entregou com o seguinte preceito: que seria responsável por elas; que se as deixasse perder por negligência ou qualquer descuido, êle, Joseph Smith, seria exterminado; porém, se usasse todos os seus esforços para conservá-las até que êle, o mensageiro, as procurasse, elas seriam protegidas. Em junho de 1829, a tradução foi terminada e Joseph Smith entregou as placas ao mensageiro. (Veja "A História Curta da Igreja").

*Orgão Oficial da Missão Brasileira da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*

# A Gaivota

Caixa Postal 862
Rua Itapeva, 378 São Paulo Tel. 3-6761

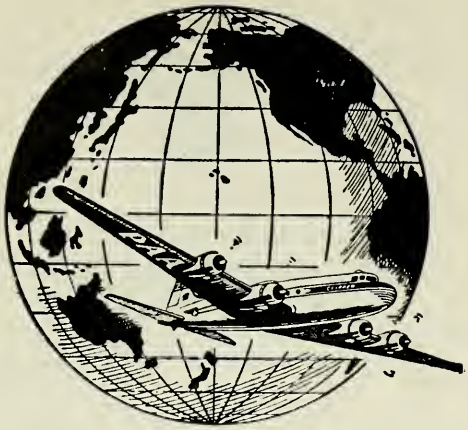
Ano III SETEMBRO DE 1950 N.º 9

## INDICE

A OVELHA PERDIDA — *Bastos Tigre* ..... II Capa
A IGREJA NO MUNDO ..... 166
**EDITORIAL** — *Presidente Rulon S. Howells* ..... 167
HISTÓRIA CURTA DA IGREJA ..... 168
DEVEMOS PRATICAR O CONTROLE DE NATALIDADE? — *Elder John A. Widstoe* do quórum dos Doze ..... 170
O DÍZIMO — *Elder George F. Richards* — Presidente do quórum dos Doze Apóstolos ..... 172
BEBIDAS-FUMO-IDÉIAS — *Jack Sears* ..... 174
O RUMO DOS RAMOS ..... 182
MISSIONÁRIOS E MISSÕES ..... 184
DÚVIDA — *Richard L. Evans* ..... IV Capa

A "A GAIVOTA" é publicada mensalmente no Brasil pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. **Preços** das assinaturas: por cada exemplar, Cr$ 3,00; por ano, Cr$ 30,00; exterior, Cr$ 40,00. **Toda correspondência** à Caixa Postal 862, São Paulo, S.P.

Diretor-Redator:
*Claudio Martins dos Santos*



# *A Igreja no Mundo*

*SALT LAKE CITY, UTAH*

O ELDER GEORGE F. RICHARDS, presidente do quórum dos Doze Apóstolos, faleceu no dia 9 de agôsto de 1950.

O Presidente Richards nasceu em Farmington, Utah, no dia 23 de fevereiro de 1861. Trabalhando para a Igreja, êle seguiu os passos de seu ilustre pai, Franklin Dewey Richards, que foi presidente do Conselho dos Doze e historiador da Igreja. Sua mãe chamava-se Nancy Longstroth Richards.

Visto por seus associados como um dos "elders estadistas", entre as autoridades gerais, o Presidente Richards foi uma autoridade na doutrina da Igreja e em procedimento, especialmente em relação ao trabalho do Templo entre os Santos dos Últimos Dias, ao qual se devotou durante muitos anos.

Entre as autoridades da Igreja, hoje, sòmente um homem tem mais tempo de serviço no Conselho da Presidência do que o Presidente Richards. E êle está bem próximo do Presidente George Albert Smith, em tempo de serviço e, por causa dessa antiguidade, foi presidente do Conselho dos Doze, cargo para o qual foi designado no Templo de Salt Lake, no dia 21 de maio de 1945. Nesse mesmo dia, êle teve o privilégio de ordenar e designar o Presidente Smith como presidente da Igreja.

O Presidente Richards foi ordenado Apóstolo em abril de 1906. Suas obrigações levaram-no a visitar os quatro cantos da terra, fazendo conferências trimestrais e percorrendo as missões. Êle estêve nas ilhas do mar, em Alaska, nos países da Europa, onde, por três anos, presidiu à Missão Européia e, em tôdas as partes do continente Norte-Americano.

O Presidente Richards tem muitos amigos espalhados pelo mundo. Todos nós sentimos profundamente ao vê-lo deixar esta vida, mas sabemos que êle foi atender a um chamado muito mais alto e maior, a fim de desenvolver o trabalho de seu Criador.

---

*"Se alguém diz: Eu amo a Deus, e aborrece a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?"* —
I João 4:20

# EDITORIAL

A maioria dos homens é inclinada a pensar que a religião deve preocupar-se apenas com o culto e o ensino das verdades morais. Entretanto, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias acredita firmemente que a religião que não tem poder para salvar o povo temporalmente, tornando-o próspero e feliz aqui, não poderá estar segura de salvá-lo espiritualmente e exaltá-lo na vida vindoura.

A Igreja estabeleceu seu programa de bem-estar à luz desta filosofia. Êsse programa começa com o indivíduo e atinge a família. O primeiro degrau é começar a prover-se, por um determinado período de tempo, contra a miséria e escassez. As doenças, a velhice, a depressão econômica, a guerra e muitas outras causas podem criar "miséria e necessidade" para todos nós e, talvez, quando menos esperemos por isso.

Há muitos anos que os oficiais da Igreja nos vêm aconselhando a armazenar alguma coisa, um pouco de cada vez e, assim, em pouco tempo, cada um de nós terá uma reserva. Talvez possamos guardar apenas uma pequena lata de frutas ou vegetais, ou poucos quilos de farinha, ou uma lata de banha, mas, se começarmos agora e cada vez que fizermos nossas compras regulares, comprarmos também alguma coisa extra e a pusermos de lado, ficaremos surpresos ao ver quanto poderá ser acumulado em poucas semanas. Então, se alguma coisa acontecer que nos impeça de comprar alimento, não passaremos necessidades. Uma palavra ao sábio é bastante. Sêde sábio!

Sinceramente,

Rulon S. Howells

Presidente da Missão

# HISTÓRIA CURTA DA IGREJA

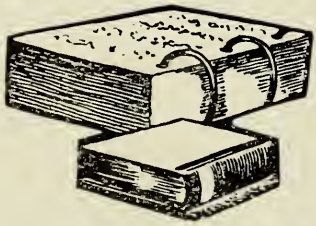
*Enquanto Joseph Smith estava rogando a Deus, um mensageiro celeste apareceu ao lado da sua cama, suspenso no ar, pois os seus pés não tocavam no chão. Falou a Joseph que seu nome era Morôni, e que Deus tinha um trabalho a ser feito por Joseph. Êste ser apareceu três vêzes àquela noite e falou as mesmas coisas: que umas placas de ouro estavam guardadas e Joseph devia traduzi-las. Por fim chegou a época de obter as placas. No dia 22 de setembro de 1827, tendo ido no fim de cada ano, durante quatro anos ao lugar onde elas estavam depositadas, o mesmo mensageiro celestial entregou-as a Joseph.*

## 1.a PARTE

## AS PLACAS DE OURO E O LIVRO DE MORMON

O antigo registro provou ser um livro interessante. Cada placa tinha sete polegadas de largura por oito de comprimento e era mais ou menos da grossura de uma fôlha de estanho. De ambos os lados havia lindas gravações. Não sabemos quantas placas eram. Elas foram postas em formato de um livro de 6 polegadas de espessura por meio de três anéis que atravessavam as placas de um só lado do volume. Aproximadamente um têrço do livro estava "lacrado" para que ninguém pudesse ler o conteúdo. Esta é a explicação da frase na declaração das Oito Testemunhas: "tantas quantas foram as fôlhas traduzidas por Smith, estas passaram por nossas mãos". De acôrdo com o próprio registro, a linguagem era análoga ao Hebraico.

Ao receber as placas, Joseph Smith tomou o máximo cuidado para que as mesmas não caissem nas mãos de pessoas que não fôssem sagradas.



*O Livro de Mormon foi traduzido de Placas de Ouro*

Todos na cidade ficaram espantados quando tiveram notícias de que um dos Smiths havia tido visões. Joseph, como já vimos, contou sua primeira revelação a um pastor Metodista. Com certeza outras pessoas, depois disto, vieram a saber do caso. Conclui-se, principalmente pelo relato da mãe de Smith, que todos os vizinhos, de perto e os mais afastados sabiam da história do Mensageiro celestial e das placas de ouro. Joseph desde logo ficou sendo mal visto pelos seus conterrâneos, velhos e moços. Suas próprias palavras a êste respeito, são significativas: "*Tão logo souberam que eu tinha as placas, tudo fizeram para tirá-las de mim.*"

Os Smiths viram-se em grandes dificuldades para esconderem o livro. O tronco ôco de uma árvore de betula, no bosque, o chão de uma carpintaria, em frente à casa da família, debaixo de uma pedra da lareira, especialmente removida para êste fim e um pequeno barril de feijão, foram os esconderijos do volume de ouro. Várias vêzes foi a casa dos Smiths sondada por grupos de vizinhos que se diziam guiados por um adivinho para procurar localizar o livro.

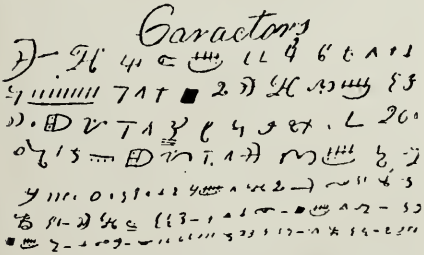
O jovem Profeta era constantemente assediado na sua cidade natal, e por isso resolveu procurar um lugar mais tranqüilo, onde pudesse trabalhar na tradução.

Em janeiro de 1827, casou-se com Emma Hale, a atraente filha de Isaac Hale, de Harmony (hoje Oakland), na Pennsylvânia.

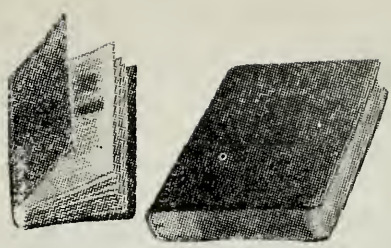
O principal motivo da sua ida para Harmony foi para trabalhar, como operário, para Joseph Stoal, grande amigo da família. Possuía êste uma velha mina espanhola, perto da residência dos Hales. Joseph Smith resolveu, então ir para Harmony, em dezembro daquele ano. Martin Harris, um abastado fazendeiro, que muito se interessou pelo trabalho religioso de Joseph, deu-lhe cinqüenta dólares para a viagem. O irmão de Emma veio de Pennsylvânia para Manchester a fim de acompanhar o casal até Harmony. Durante um ano e meio, Harmony foi o lar do Profeta. Comprou uma junta de bois de Joseph Stoal, e algumas terras do sogro, as quais êle próprio lavrava.

Logo após sua chegada a Harmony "começou a copiar os carateres das placas e, com a ajuda do Urim e Tumim, fêz a tradução de algumas." Fê-lo de dezembro daquele ano, até fevereiro do ano seguinte.

Quem o ajudou, como escrevente, na tradução do Livro de Mormon, como agora o temos, foi Oliver Cowdery, um professor, que lecionou em Manchester no inverno de




*Alguns hieroglífos similares aos que foram gravados nas Placas de Ouro*



*O Livro de Mormon é Escritura Sagrada tanto quanto a Bíblia*

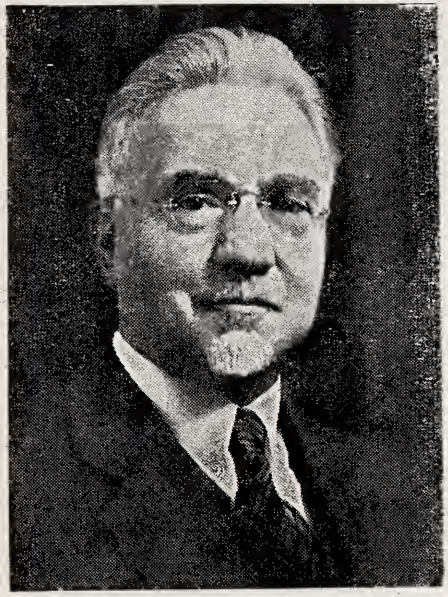
1828 a 1829. Era dez meses mais moço que o Profeta, inteligentíssimo, e possuía cultura considerável para a época. Conforme era costume, Cowdery se hospedava nas casas das famílias dos seus alunos. Foi por ocasião de uma dessas hospedagens, na casa dos Smiths, que teve conhecimento das visões do Profeta, tendo-se tornado interessadíssimo. Depois de ter conversado com seu amigo David Whitmer, sôbre essas visões, Oliver decidiu visitar o Profeta, em Harmony, com a condição de, se os fatos fôssem, realmente, como havia imaginado, ficar a seu serviço como escrevente. Um dos fatos que talvez o tenha ajudado a acreditar ser Joseph um predestinado, foi a revelação dada ao Profeta, na qual foi dita alguma coisa de que apenas êle poderia ter conhecimento. Oliver, então, escreveu ao seu amigo David dizendo que o Profeta "havia revelado conhecer a verdade a respeito das placas de ouro." Desta forma ficou Cowdery como escrevente do Profeta. Foi êste o primeiro encontro dos dois.

No dia 7 de abril de 1829, a tradução do antigo registro foi novamente encetada e progrediu sem interrupção até que o trabalho ficou terminado, em junho, num período de três meses. Ficou assim removido o primeiro obstáculo no trabalho literário do Profeta. O obstáculo financeiro também foi

*(Continua na pág. 178)*

# *DEVEMOS PRATICAR*

# O CONTRÔLE



*Elder John A. Widstoe*

Uma das perguntas que mais se faz hoje em dia é esta: Devemos praticar o contrôle da Natalidade? E esta, por sua vez, traz à baila três outras questões vitais: Por que querem pessoas casadas praticar o contrôle da natalidade? Que efeito produz naqueles que o praticam? São desejáveis grandes famílias?

Algumas vêzes, uma saúde precária torna necessário o contrôle de nascimentos. Um corpo fraco ou uma doença grave, justifica a proteção da mãe e da criança ainda por nascer contra nova carga fisiológica. Entretanto, para aquelas que gozam de uma saúde perfeita, que seguem as leis de natureza, a gravidez produz bem-estar físico. Em regra geral, as mulheres que têm grandes famílias gozam de saúde perfeita durante tôda a vida.

Uma razão mais freqüente para o contrôle de nascimentos é a pressão econômica real ou fictícia. Os esposos de meios modestos hesitam em ter filhos, temendo sobrecarregar seus meios de subsistência. Muitas vêzes atrasam a chegada de filhos porque querem primeiro comprar uma casa, um carro, ou outra cousa desejável, mas não indispensável. De uma forma ou de outra o pretexto de economia é muito comum.

Outros praticam o contrôle de nascimentos porque acham que tomar conta dos filhos consome muito tempo e energias, interferindo portanto nisto ambições sociais ou profissionais. A esta classe pertencem aquelas que, absurdamente, declaram que estão à procura de qualidade e não de quantidade, limitando portanto o tamanho de suas famílias.

O trabalho de ter filhos e criar uma família acarreta despesas, especialmente enquanto os filhos são pequenos. Isto nem se discute. Entretanto o pretexto de economia para praticar o contrôle de nascimentos quase nunca convence. Sempre se arranja um meio de fazer face às despesas, se o desejo de ter filhos é mais forte que o desejo de, digamos, ter um novo piano.

Aquêles que praticam o contrôle de nascimento para satisfazer suas ambições pessoais, são inteiramente guiados pelo seu egoísmo. Deveriam bem nos dizer para que se casaram.

Quando fôr necessário, o contrôle de nascimentos deverá ser feito de acôrdo com a natureza, o que

# da NATALIDADE ?

por *Elder John A. Widstoe*

não ocasionará dano ao homem ou à mulher. Um exame cuidadoso dos períodos férteis e estéreis da mulher provará sua eficácia na grande maioria dos casos. Conhecimentos recentes de fisiologia feminina revelam "o método natural de controlar nascimentos". Êste método *"não viola qualquer princípio da natureza."*

O contrôle de nascimentos, como é geralmente compreendido, implica no uso de meios físicos ou químicos para evitar a concepção. Um grande número dêsses meios, conhecidos como contraconceptivos, estão à venda. Nenhum dêles é comprovadamente eficaz. Além disso, qualquer contraconceptivo é contra a natureza e interfere de um modo ou de outro nos processos fisiológicos da vida. Todos êles são, mais ou menos, perigosos para aquêles que os usam. Especialmente para as mulheres.

Além disso, desde que o contrôle de nascimentos tem suas raízes numa espécie de egoísmo, a vida espiritual daquele que o pratica torna-se também fraca. As mulheres parecem tornar-se mais masculinas nos pensamentos e nos atos; os homens mais cínicos e reservados; tanto o marido como a mulher tornam-se mais descuidados um para com o outro, e mais e mais indiferentes para com os mais elevados deveres e alegrias da vida.

O pretexto de qualidade versus quantidade é uma ilusão. O filho único é caso para ser lamentado. Êle não aprende a arte de viver harmoniosamente com outras pessoas. Dentro de casa, êle, ou está em oposição aos pais ou é por êstes dominado. Fora de casa, fica de mau humor se não pode egoìsticamente dirigir o brinquedo, ou fica separado dos outros, tímido e mal à vontade.

O filho único permanecerá provàvelmente só através da jornada da vida. O mesmo pode ser dito, de certo modo, de duas crianças com uma diferença de idade muito grande.

As grandes famílias são as mais verdadeiramente felizes. Êste é o veredito da experiência humana. Em tal círculo familiar há um desenvolvimento contínuo e alegre de viver para pais e filhos. O Salmista falou sàbiamente quando disse: *"Abençoado é o homem que tem o seu carcaz cheio dêles."*

Um lar com crianças de diversas idades aproxima as situações sociais que serão encontradas mais tarde na vida. Aí podem ser experimentadas em miniatura as possibilidades da vida. Sob a amorosa

*(Continua na pág. 179)*

# O DÍZIMO por

*Elder George F. Richards*

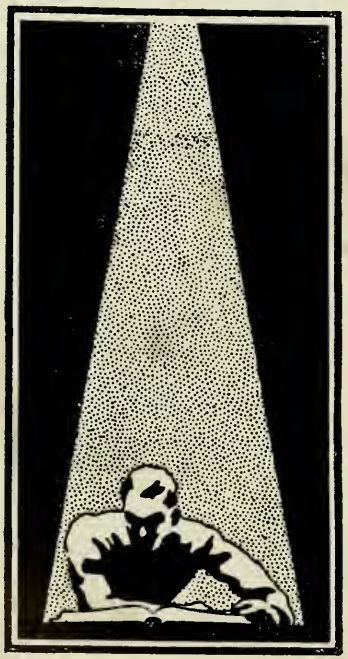
Por Deus ter amado tanto ao mundo, é que Êle deu Seu Filho Unigênito; para que todos que nÊle creem não pereçam, mas, tenham a vida eterna. (João 3:16).

Aí observamos o sacrifício do Pai e do Filho em favor de Seus filhos, a nós, os homens, na maior manifestação de amor já havida, e com a qual não poderá haver comparação.

O Evangelho que nós temos recebido, é um Evangelho de sacrifício e abnegação desde o início até o fim.

O Senhor disse: *"Nenhum homem se atemorize de dar sua vida pela Minha causa; pois aquêle que pelo Meu amor entregar a sua própria vida, encontra-la-á novamente."* — *"E assim aquêle que não queira dar a sua vida pelo Meu amor não é Meu discípulo."* (D & C 103:27,28).

Um dos maiores sacrifícios que



Deus exigiu de nós, membros de Sua Igreja, foi quando, nas revelações que nos deu concernentes ao dízimo, expressou a obrigação dos membros de Sua Igreja de pagarem anualmente de impostos um décimo de tôdas as suas rendas. Esta é a renda legal da Igreja. Essa verba é usada para fomentar vários de seus setores: o sistema educacional da Igreja; a construção e a manutenção de templos; construções de casas de culto em paróquias, estacas, ramos e missões; assistência aos necessitados, e muitos outros.

Muitos milhares de Santos dos Últimos Dias, concordam fiel e integralmente com esta obrigação religiosa, e assim procedendo, estão ajudando na execução das obras, às quais as somas dos dízimos se destinam. Sabem essas pessoas que disto receberão a recompensa.

Quando sucumbimos nesta vida e prosseguimos na outra, não temos meios pelos quais possamos estabelecer um paralelo com o valor dos nossos dízimos. Compreendendo, então, nosso dilema, podemos, da mesma forma que Dives, (o homem rico da parábola: "O homem rico e Lázaro", Lucas 16:1931) desejar que alguém seja enviado dos mortos para avisar aquêles que aqui vivem, para que não cheguem a cometer o mesmo êrro; nisto podemos aprender: *(... Êles têm Moisés e os profetas; deixai-os ouvi-los.)* (Lucas 16:29).

Observem-se tôdas as coisas escritas pelo Pai: *portanto o mundo será julgado segundo o que estiver escrito nos livros.* (III Nephi 27:26).

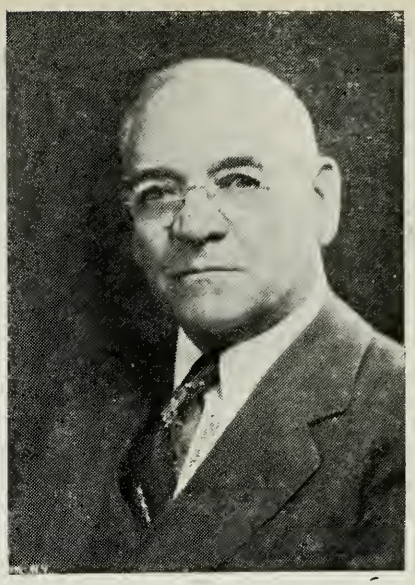
Os registos guardados pelo Pai são corretos e verdadeiros. Êsses registos nos mostrarão o que deveriamos ter pago de dízimo em cada ano, e o que pagamos. Qualquer

diferença ou saldos mostrarão nossa verdadeira posição na observância da lei do dízimo.

Tudo que possuimos, ou sejam todos os nossos bens, nos foram dado pelo Senhor, e devemos ser-Lhe gratos por tudo que dÊle recebemos. Ao Senhor, daremos com a prestação de nossas contas, um relatório de nossos encargos. Em relação ao que o Senhor nos tem dado, e ao que Êle tem feito por nós, é infinitesimal a exigência que Êle nos fêz de, em retribuição, Lhe concedermos um décimo daquilo que Êle nos dá. Aceitemos, portanto, o Evangelho com todos os seus sacrifícios e abnegação própria Assim disse o Senhor: *"E aquêle que não estiver disposto a sacrificar a sua vida por Minha causa, não é Meu discípulo."* (D & C 103:28).

Se não quisermos entregar nossas vidas pelo amor a Deus, e também pelo Seu evangelho, não devemos esperar receber a salvação que é a maior bênção de Deus dada ao homem, para cuja obtenção com Êle fizemos um pacto. O Senhor sabe o intento dos corações dos filhos dos homens. Êle sabe se estamos realmente dispostos a dar as nossas vidas ou não, pela causa do Mestre. Estamos dispostos a dar ao Senhor e à Sua causa, por Sua ordem direta, um décimo de nossos rendimentos, anualmente, como dízimo? Somos um grupo consistente de pessoas com respeito ao dízimo?

O dízimo é o meio equitativo de distribuição da responsabilidade financeira dos membros da Igreja, desde o mais pobre até o mais rico. Em qualquer organização instituida, em benefício mútuo de seus membros, cada membro se incumbe de completar as suas respectivas obrigações, manter a organização e ajudar a Igreja em suas execuções. Se existisse alguém que pudesse ser apontado justamente como membro mau, por certo, não



*Elder George F. Richards* (Veja "A Igreja no Mundo")

haveríamos de gostar que essa referência caisse sôbre nós.

Há boas razões pelas quais os membros da Igreja poderiam deixar de pagar seus dízimos, porém, quaisquer que elas sejam, não podem ser consideradas justas por todos os membros; entretanto, o fato de que é o bom Pai Eterno, a Quem somos devedores por tôdas as coisas, e de Quem dependemos para tôdas as coisas que esperamos receber nesta vida, e na vida eterna, que nos tem amado e guiado, tem o mesmo significado para todos os membros da nossa Igreja.

A Igreja está executando ótimas ampliações com os dízimos e ofertas de seus membros, hoje em dia. Maiores empreendimentos altamente significativos poderiam ser ultimados em favor dos membros pobres da Igreja, dispensando-lhes melhor cuidado, se todos os membros pagassem matemàticamente os seus honestos dízimos. Aqui fica a nossa sugestão.

O Mormonismo está tendo uma influência reformadora sôbre as re-

*(Conclui na pág. 180)*

# BEBIDAS-F

Um dia abri a porta do edifício de uma repartição e um jovem dirigiu-se violentamente a mim, jogando meu chapéu no chão. Êle voltou-se, equilibrou-se e encostou-se vacilante, na parede. Repentinamente eu o reconheci, não via o havia três anos. Êle tinha vindo do Leste há dez anos, para Salt Lake City. Lembrei-me de que naquele tempo êle possuía uma carta de apresentação de um amigo meu de lá.

Alguns de nós ajudamos êste homem promissor a arranjar uma colocação. Observamos o progresso em seu trabalho e ficamos orgulhosos de sua grande habilidade. Todos que o conheceram não tinham dúvida de que êle estava destinado a ir longe.

— Por quê? Alô! desculpe-me, perdoe-me — disse-me êle titubeante. Conhece-me? — perguntou, estendendo a mão, vacilante.

— Certamente o conheço, Bert; você esteve bebendo e eu estou triste — respondi.

— Naturalmente, bebi; é tolice tentar a vida sem beber. A maioria das pessoas bem sucedidas bebe, não bebe? — disse êle.

Êste incidente fêz-me lembrar minhas experiências em Nova York alguns anos atrás, com aquêles que consideravam a bebida essencial ao êxito.

Muito se escreveu sôbre o papel do fumo e da bebida afetando a saúde e a eficiência dos indivíduos; há anos atrás várias vêzes, atiraram-me ao rosto, friamente: que outro em minha posição, desconhecido naquela cidade brutal, que desejasse vender criações em concorrência, não poderia vencer sem fazer uso do fumo e da bebida. Afirmaram-me que isto seria o meio de tornar-me sociável e de ter idéias para competir com os que bebiam.

Eu estava determinado a vencer sem usar fumo e bebidas fortes. Fui considerado tôlo por dois homens que se supunham sábios, porque não aceitei contrato para meu serviço artístico exclusivo para um dos maiores jornais de Nova York. Quando o editor me deu uma oportunidade de fazer um serviço independente, diretamente subordinado a êle, aceitei porque faria o trabalho em meu estúdio, com a condição de levar-lhe duas ou três vêzes por semana croquis feitos a lápis, que depois de aprovados seriam copiados a tinta.

Teria sido muito diferente se eu assinasse o contrato por minha livre vontade em vez de trabalhar sob a direção do editor: teria voltado imediata e inteiramente para a jurisdição da chefia do departamento de arte e teria transferido uma prancheta para um estúdio

onde já havia cêrca de vinte artistas capazes. Muitos dêles sentavam-se horas a fio esperando determinações, dependendo de novos acontecimentos para executarem as ilustrações. Outros artistas importantes tinham suas histórias em quadrinhos ou páginas cômicas para terminar. Depois do trabalho pronto, era de se esperar que fôssem para casa. Mas o que geralmente

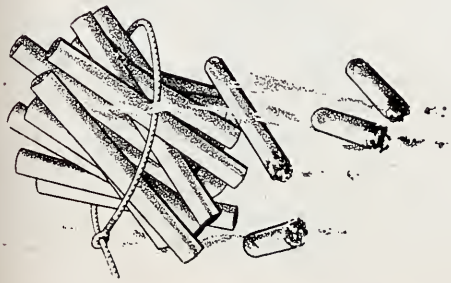
# MO-IDÉIAS

por *Jack Sears*

acontecia é que o grupo ficava jogando cartas durante uma hora, bebendo muito e contando anedotas. Eu sabia que difìcilmente poderia adaptar-me àquele meio. Imaginava que aquêles artistas e o chefe do departamento de arte poderiam tornar a minha vida muito miserável, se eu não bebesse, fumasse ou jogasse cartas.

Os redatores e editôres, com poucas exceções, consideravam o homem livre para fazer o que desejasse de sua vida privada. O que lhes interessava é que a pessoa desse o melhor possível às criações do material de que necessitavam; o contrário, seria absoluta negação de si mesma.

Poucas semanas havia que estava numa grande cidade, quando consegui um emprêgo em um dos



mais importantes jornais, o qual possuía um grande número de funcionários, muitos dos quais eram notáveis escritores e artistas do momento. Não foi tão simples como parece, pois andei milhas e milhas, durante dias, visitando redações de jornais, antes de conseguir emprêgo. Três qualidades em mim impressionaram o referido editor, e êle as ressaltou: idéias em comum, entusiasmo e boa aparência. Enquanto soprava lentamente a fumaça do cigarro e olhava meus desenhos, disse-me êle: — Vejo que você não é novaiorquino.

— Sou — respondi-lhe — do Oeste distante, da cidade do Salt Lake.

— Saiba, meu amigo, que noventa por cento de nossos desenhistas vêm do Oeste.

Emocionou-me tanto o fato de conseguir o primeiro emprêgo como a rápida descoberta do Sr. Lewis da minha procedência.

Muitas vêzes naquele jornal trabalhei para bêbedos e fumantes. Trabalhando nesse departamento, vivia sob uma nuvem de fumaça permanente.

Quando, diàriamente, era designado para trabalhos especiais, acompanhava, hàbilmente, escritores treinados. Isto concorreu para

*(Continua na pág. seguinte)*

## BEBIDAS, FUMO, IDÉIAS

*(Continuação da pág. 175)*

que freqüentasse teatros e lugares de divertimento, as atrações do Madison Square Garden: circo, exposições de cavalos e cães, corridas de bicicletas de seis dias, esportes e outros numerosos espetáculos.

Em quase todos os lugares onde estive me foram oferecidas bebidas e fumo e eu sempre os recusei, delicadamente, sem ofender as pessoas que mo faziam. Diga-se de passagem, porém, que à maioria pouco se lhe dava que eu bebesse ou não.

Devo salientar, entretanto, que certo repórter que surgiu em Nova York foi de habilidade única no convite que me fêz para beber. Como tínhamos muitos serviços, juntos, êle se manteve persistentemente atrás de mim insistindo sempre para que eu bebesse e fumasse.

Meu propósito firme era não ceder na minha convicção para agradar a êle ou a qualquer pessoa.

Certo dia, todavia, de frio, em fevereiro, recebi um telefonema para ir à cidade, a fim de apresentar-me ao redator-chefe.

— Onde está A. B., seu companheiro? — rosnou impaciente. Quero que vocês dois vão ao Parque Central e obtenham matéria importante acêrca das pessoas proeminentes sôbre que fui informado, neste instante, estão patinando no lago.

— Não sei onde está A. B., foi minha resposta.

— Bem, eu telefonei para a cidade e não consegui localizar o bêbedo — retorquiu com ardor, o editor frisando — e pensar que não faz muito tempo êle pediu-me para despedir você porque não bebe! Você não fuma nem bebe, e por isso economiza seu dinheiro. Agora, por favor, vá ràpidamente ao Parque e faça todos esboços que puder e logo mandarei A. B. encontrar-se com você. Vá indo, e lembre-se de que

às 5 horas — prazo máximo — os seus desenhos devem estar prontos.

Saí apressadamente e fiz cêrca de uma dúzia de esboços, registrando tudo que me pareceu importante ali.

Em vez de ir primeiro ao jornal, fui diretamente ao hotel de A. B. Na porta encontrei um aviso: "Não me perturbe". Êle tinha uma bôlsa de gêlo na cabeça. Ao olhar meus esboços, uma centelha de animação transformou-o. Fêz algumas anotações e agradeceu-me por salvar sua pele.

À proporção que o tempo marchava, A. B. mais se livrava do vício. Acrescente-se em seu favor que êle parou de beber e se tornou um dos mais célebres colaboradores de uma das mais importantes publicações semanais locais.

Certa ocasião, após seis anos de residência em Nova York, me ocorreu o mais estranho incidente. Pedi para ser introduzido no gabinete do diretor da secção de artes e por engano o fui no do diretor geral. Êste pediu-me para voltar a seu gabinete no dia seguinte porque desejava dar-me algumas cartas de apresentação para outros editôres do meu tipo de trabalho. Quando cheguei ao elevador, êle me alcançou e disse: se eu ia para a

Broadway, êle teria prazer em acompanhar-me alguns quarteirões. Mostrando-se gentil, ofereceu-me um cigarro que agradeci — dizendo que não fumava.

— Está certo — acrescentou — eu desejava não fumar porque para nós é melhor não fazer uso do tabaco e eu sei disso. Meu médico sempre diz que devo abandonar o fumo ou então...

Chegamos ao hotel do aludido senhor e êste me disse, quando paramos na calçada: Se você não está com pressa, entre aqui comigo por alguns minutos e então continuarei meu passeio com você até a Broadway. Quero saber mais a seu respeito e sôbre suas ambientações. Sempre me interesso por pessoas. Tenho visto muitas irem e virem nos doze anos de repórter e editor em Nova York. Talvez eu possa estar a seu dispor e ajudá-lo em algumas de suas dificuldades.

Agradeci-lhe e fui até o hotel. Quando subimos alguns degraus, êle empurrou e abriu uma porta, fazendo-me entrar em primeiro lugar. Entramos numa linda e clara sala onde se serviam bebidas. Que deseja? — perguntaram quando chegamos ao bar onde estava meia dúzia de homens de boa aparência.

— Tomarei água mineral — foi minha resposta.

Nesse momento o garção que estava atendendo-nos, nos serviu.

— Uma água mineral J. M. e o meu do costume — foi a ordem dada pelo gentil editor.

Ao ver dois amigos disse-lhes: cavalheiros, permitam-me apresentar-lhes meu novo amigo, Sr. Sears. — Êste é o Sr. Ward e aqui o meu bom amigo Bill Shaw.

Apertamos nossas mãos e então o Sr. Shaw disse: Tiro meu chapéu ao seu jovem amigo. A todo homem que não toma bebidas mais fortes que água mineral, eu aprecio profundamente. A bebida arruinou-me; por causa dela estou afastado de minha família — sou um proscrito. Estou cheio de dinheiro, mas não é sòmente o dinheiro que nos traz a verdadeira felicidade. Não beba, nunca beba! Julgo que você está pensando que sou um velho louco, porém jamais pronunciei palavras tão sinceras e profundas como estas, agora.

No dia seguinte quando fui procurar o editor, recebi as três cartas de recomendação prometidas, para grandes publicações. Então eu me dirigi a êle: Antes de aceitar estas cartas que me foram oferecidas graciosamente, desejo dizer-lhe quem sou. Seus olhos se abriram cheios de espanto, êle esperou, com tôda a atenção. Sou natural de Utah e pertenço à Igreja Mormon — acentuei. Se isto é motivo para mudança, não farei uso das cartas.

Êle virou a cabeça para trás e riu francamente. Um Mormon, eh! sim, não me incomoda quem você seja. A única coisa que interessa em Nova York é você dar o máximo no trabalho. Tome estas cartas e seja feliz. Mantenha-se em contacto comigo pois estou grandemente interessado em seu progresso.

Um homem que tinha visto meus desenhos em uma revista de Nova York desejava encontrar-me. Convidei-o para ir à minha casa depois de duas conferências, em seu hotel. Fêz um pedido de uma dú-

*(Conclui na pág. 181)*

## HISTÓRIA

*(Continuação da pág. 169)*

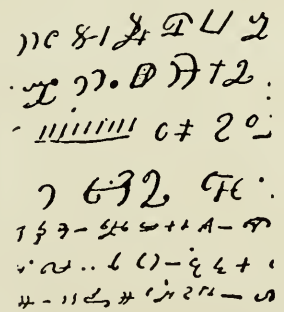
sanado, pois que um antigo patrão de Joseph, Joseph Night, abastado fazendeiro e moageiro em Colesville, Nova York, trouxe fartas provisões para os dois trabalhadores, percorrendo uma distância de mais de 100 milhas.

O trabalho, no entanto, não foi terminado em Harmony, mas em Fayette, Nova York.

Quase ao completar a tarefa, surgiram oposições em Harmony. Isaac Hale, sogro de Joseph, que a princípio defendia os tradutores, se cansou de fazê-lo. Então o Profeta achou conveniente aceitar o oferecimento dos Whitmers, em Fayette, para ir morar com êles até que a tradução estivesse terminada. David Whitmer foi, então em busca de Joseph, Oliver e Emma, em junho de 1829.

Depois desta mudança, o trabalho progrediu com rapidez. O Profeta se dedicou à tarefa àrduamente, enquanto que o trabalho de escrita era revesado entre o escrevente, Emma e vários membros da família Whitmer.

Uma pergunta que é feita é quanto à maneira pela qual foi feita a tradução. Há muitos pontos a que não podemos responder agora, mas a seguinte descrição a fundamenta: Primeiro, uma cortina separava o Profeta do seu escrevente, o que impedia que êste último visse as placas e o Urim e o Tumim. Segundo, a tradução foi feita por meio do Urim e Tumim, que eram os intérpretes. Disto temos conhecimento por Oliver Cowdery e Joseph Smith, os únicos que estavam em condições de saber. Terceiro, a tradução requeria um grande esfôrço mental, o que se torna evidente na revelação (Sessão 9 de "Doutrinas e Convênios") pela qual Oliver foi informado de não poder traduzir pelo fato de não ter êle levado em conta a necessidade de "meditar sôbre o assunto." Quarto, a tradução requeria pureza espiritual e emocional, porque do contrário o tradutor nada poderia fazer, ficando tudo "no escuro."



*Mais um exemplo dos hieroglífos egípcios similares àqueles gravados nas Placas de Ouro*

Completada a tradução, o passo seguinte seria procurar um editor. Razões óbvias, levaram o Profeta a querer que a impressão fôsse feita em outra qualquer cidade que não Palmira. Foi êle então para Rochester, Nova York, mas o homem que êle procurou não quis realizar o trabalho. Joseph por essa razão, foi forçado a recorrer ao impressor E. B. Grandin, em Palmira, que contratou com o Profeta a tiragem de cinco mil cópias ao preço de três mil dólares. Como Joseph Smith não tinha o dinheiro, Martin Harris hipotecou sua fazenda, levantando assim a necessária quantia.

O livro saiu a lume em março de 1830, sob o título de "Livro de Mormon." A explicação dêste nome é simples. As placas traduzidas pelo Profeta eram em grande parte, um resumo feito por alguém chamado Mormon, um antigo Profeta, pai de Morôni, que viveu no Continente Americano. A edição ficou em poder de Martin Harris até que um número suficiente de cópias fôsse vendido para saldar a dívida da hipoteca. O preço de cada cópia era de quarenta cruzeiros e cinqüenta centavos.

*(Continua no número seguinte)*

## NATALIDADE

*(Continuação da pág. 171)*

proteção do pai e da mãe, em jogos e brincadeiras, na troca de ditos espirituosos, em sacrifícios de uns para os outros, repartindo alegrias e tristezas, em discussões dos fatos familiares e acontecimentos diários, a maneira de viver, num mundo cheio de homens, é ensinada. O lar de uma família numerosa torna-se o laboratório onde se aprenderá a importância da verdade, da virtude, da honestidade, da diligência e as bases de condutas éticas e religiosas. E, desde que o amor ao próximo tempera e dirige tudo o que é feito, as crianças tornar-se-ão cidadãos melhor preparados para ajudar a construir um mundo contìnuamente melhor. No treino de bons cidadãos e sêres humanos felizes, não há substituto para a grande família.

O benefício de um lar com várias crianças não se limita sòmente às crianças. Os pais são, talvez, igualmente beneficiados. Pais que têm vários filhos mostram sua boa vontade em aceitar obrigações de boa cidadania. Êles têm fé no futuro. Êles atrevem-se a perpetuar a raça. Não têm vergonha de se perpetuarem. Por isso ganham fôrças para cumprir outros deveres da vida. Além disso, na criação dos filhos há desenvolvimento real para o pai e para a mãe, desenvolvimento que não pode ser alcançado de nenhuma outra maneira. Há também uma satisfação suprema em presentearem-se homens e mulheres, filhos e filhas, para a era que se apresenta, para continuar o trabalho do mundo. Cada pai torna a viver em seus descendentes. Acima de tudo está a alegria da vida familiar. Pai, mãe, e filhos, talvez netos, à mesa, ou brincando, em conselhos familiares, partilham de divinas satisfações. Ficou determinado que é a família que se aproxima mais do molde da organização divina e das alegrias. E, estas alegrias continuam até a velhice. A solidão é banida. O casal sem filhos perde muito da vida; e com o passar dos anos o senso da solidão torna-se mais forte. A melhor, mais importante, e mais feliz instituição na terra é a família, composta de pai, mãe e filhos.

O futuro do estado e da raça depende da boa vontade de seus cidadãos em trazerem ao mundo e criarem filhos sem intervenção artificial. Durante os últimos anos a humanidade muito aprendeu. Os confortos e bênçãos dos lares mais modestos ultrapassam os dos imperadores de antanho. Quem herdará êstes presentes e outros ainda por fazer? Nossos filhos, naturalmente, se tivermos algum, e se forem bastante numerosos para exigir consideração. Um fato cruel, ao qual devemos dar atenção, é que aquêles que estão mais preparados para aproveitar e melhorar nossa civilização, apresentam uma linha de natalidade decrescente; enquanto que aquêles mais ignorantes, ou de menores dotes intelectuais, continuam a frutificar. É preciso mais que duas crianças para impedir que a população diminua. O quadro mundial que se apresenta é o mesmo. O índice da natalidade das nações mais avançadas decresce ràpidamente; enquanto que o dos povos mais atrasados é grande e aumenta.

Nos últimos 25 anos, o índice da natalidade dos Estados Unidos por exemplo, caiu de 25 para 17 por mil de população. Se não houver mudança, aquêles países que consideramos semicivilizados mas têm maior índice de natalidade podem tornar sob sua dependência aquêles em que êsse índice fôr pequeno.

Os Santos dos Últimos Dias, seguem à risca a ordem do Senhor para o primeiro casal: "Crescei e

*(Conclui na pág. 180)*

**O DÍZIMO** *(Continuação da pág. 173)*

ligiões do mundo. A lei do dízimo é tão antiga, tão justa e tão verdadeira, como qualquer outra lei do Evangelho.

Para aquêle que entra nas águas do batismo está expresso o convênio de que guardará e executará todos os mandamentos de Deus, um dos quais é o dízimo.

Há uma lei, decretada irrevogàvelmente nos céus, antes mesmo da formação dêste mundo, em que tôdas as bênçãos estão preditas.

Quando obtemos qualquer bênção de Deus é pela obediência a tais leis. (D & C 130:20,21).

Se o dízimo pode ser compreendido com uma lei temporal, então a observância dessa lei nos trará bênçãos em nossa fase temporal. Temos promessas de tais bênçãos feitas aos anciãos de Israel.

"*Porque Eu, o Senhor, não mudo; por isso vós ò filhos de Jacó, não sois consumidos. Desde os dias de vossos pais vos desviastes dos Meus estatutos, e não os guardastes. Tornai-vos para Mim, e Eu Me tornarei para vós, diz o Senhor dos Exércitos. Mas vós dizeis: Em que havemos de tornar? Roubará o homem de Deus? Todavia vós Me roubais, e dizeis: Em que Te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas alçadas. Com maldição sois amaldiçoados, porque Me roubais a Mim, vós, tôda a nação. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha casa, e depois fazei prova de Mim, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vós abrir as janelas do céu, e não derramar sôbre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança.*" (Malaq. 3:6-10).

As promessas do Senhor feitas aos anciãos de Israel aplicam-se, igualmente, a tôdas nações e povos que obedecerem Suas leis e mandamentos.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias está destinada a abençoar e reformar o mundo inteiro. É sua intenção corrigir, eventualmente, todos os grandes males da sociedade, e colocar a humanidade no mais alto plano de vida, cuidando do físico, da moral e do espírito. Portanto, nesta causa nobre devemos nos alistar, emprestar-lhe o nosso apoio, consagrar-lhe o nosso tempo e meios. Assim, estaremos cooperando para a maior causa de nossos tempos, que está fadada a completo êxito, porque se baseou nos princípios sãos e verdadeiros, novamente revelados dos céus.

Somos todos candidatos às bênçãos da vida eterna e à exaltação do reino de Deus. A linha reta para aquela meta está na observância das leis do dízimo e em todos os sacrifícios que nos exige o Evangelho.

---

**NATALIDADE** *(Continuação da pág. 179)*

multiplicai-vos." Êsse é o fim do casamento e quer dizer, mais que um filho ou dois. Sabemos que hostes de espíritos esperam para poder vir ao mundo através de nossos descendentes. Sabemos que a família é a unidade da família celestial; e que o maior presente de Deus é dar a Seus filhos a oportunidade de continuar a ter relações familiares através da eternidade São aquêles que não querem obedecer à lei na terra merecedores desta grande recompensa na além vida? A doutrina evangélica deverá tornar cada casal de Santos dos Últimos Dias ansiosos pelos privilégios e obrigações da paternidade. E êles deverão ter fé e confiar em que o Senhor providenciará os meios de obedecer à Sua lei.

É motivo para satisfação que entre os Santos dos Últimos Dias o índice da natalidade continue a ser alto (33 por mil enquanto que o índice de morte é sòmente 5,5 por mil). Mas devemos nos precaver a fim de não cairmos em maus hábitos.

## BEBIDAS, FUMO, IDÉIAS

*(Continuação da pág. 177)*

zia de desenhos para usar numa campanha de publicidade de um novo sindicato com o qual sonhava havia anos. Era quase hora de comida quando se levantou para sair. Nós o convidamos para o jantar. No meio da refeição, êle disse: Posso atestar que estou satisfeitíssimo por vir a uma casa onde a comida é abençoada. Isso é raro, ùltimamente, sinceramente, sinto-me emocionadíssimo com o fato. De onde são seus parentes? Somos da cidade de Salt Lake — respondi.

Um largo sorriso espalhou-se-lhe pela fisionomia. Levantou-se, dirigiu-se a mim e tomou minhas mãos entre as suas.

— Estou certo em acreditar que você não bebe?

— Sim — foi a minha resposta.

— Francamente, isto de tão maravilhoso que é quase não se acredita. Há três anos venho procurando um artista como você. A minha encomenda de doze desenhos passa agora, a ser de cinqüenta.

Durante a conversa que tivemos à noite, descobri que a minha maior virtude aos olhos dêste homem era o fato de não beber. Êle tinha começado já duas vêzes a série de desenhos para o sindicato, mas acontecia sempre alguma coisa. Os dois artistas que me antecederam — explicou êle — pensavam mais em beber que nas suas obrigações e não terminaram o serviço no prazo exigido; portanto, houve um colapso com considerável perda para êle. Isso foi o que fêz que êle viajasse várias vêzes a Chicago num esfôrço para encontrar um artista comercial que não bebesse de forma alguma. Será a bebida necessária ao trabalho criador? Respondo, enfàticamente, que não é, absolutamente. *Não!*

---

## TRADUÇÕES NESTE NÚMERO:

A História Curta da Igreja, por *Lia Carneiro;* Devemos Praticar o Controle de Natalidade?, por *Sílvia Courrege;* Bebidas-Fumo-Idéias, por *Isa Marques de Costa;* Igreja no Mundo, Editorial, por *Maria Eunice Pires;* Dúvida, por *Jesse Steagall.*

---

— Quem faz mal aos outros, faz mal a si mesmo.

— Quem ajuda aos outros, faz bem a si mesmo.

— Deixai de considerar-vos como um ser isolado, e assim caminhareis pela estrada da verdade.

---

É triste cair, mas, pior, é jamais haver tentado subir. — Roosevelt

---

## ENDEREÇOS DOS RAMOS DA IGREJA NO BRASIL

São Paulo: Rua Seminário, 165
Piracicaba: Vila Boyce, Rua Alfredo, 5
Campinas: Rua Barreto Leme, 1075
Rio de Janeiro: Rua Camaragibe, 16
Sorocaba: Rua Saldanha Marinho, 54
Curitiba: Rua Dr. Ermelino de Leão, 451
Joinvile: Rua Frederico Hübner
Ipoméia: Estrada para Videira
Pôrto Alegre: Av. New York, 72
Santos: Rua Paraíba, 94
Novo Hamburgo: Rua David Canabarro, 77

# O RUMO DOS RAMOS

CURITIBA

No dia vinte e quatro de junho, realizou-se o casamento da irmã Matilde Felber com um amigo da igreja: Enos de Castro Deus. A cerimônia efetivou-se no salão da capela, que estava belamente decorado com copas de leite e camélias, e o altar, com camélias e com um fundo verde. A noiva carregava um belo ramalhete de angélicas. O Elder Stanford P. Sorensen, o Presidente do Distrito, foi o promotor dessa cerimônia bela e simples. Estiveram presentes ao ato muitos amigos e conhecidos dos nubentes e vários membros da Igreja. Foram padrinhos da noiva, no religioso, José Ordakowski e sua espôsa, e do noivo, Zenol de Castro Deus e Maria de Luz Castro Deus. Deu realce a êsse consórcio uma festa que se fêz na casa de uma irmã da noiva. Os amigos e membros da nossa Igreja presentearam o casal com muitos presentes úteis à sua nova casinha em Curitiba onde vão residir. Fazemos-lhes os nossos sinceros votos de felicidades e pedimos ao nosso Pai nos Céus que os abençoe em sua nova vida.

Poucas semanas atrás os Elders Barwick e Moon encontraram uma nova saída para o material que tem sido feito para o Plano do Bem-Estar. Parte dêste material até agora estava sendo consumida bem devagar. Sugeriu-se a êstes Elders que procurassem fazer um pequeno gorro que pudesse ser vendido nas lojas de artigos infantis. Desde o princípio dêste novo projeto temos recebido mais pedidos do que tínhamos imaginado. Joinvile tem nos auxiliado a entregar muitos dêsses pedidos. Quando as lojas descobriram a qualidade dos nossos produtos, nos pediram também para fazer cachecóis. Já temos os nossos produtos introduzidos em quatro das principais lojas. Até nos parece haver um bom futuro nesses produtos fáceis de fazer e de vender.

JOINVILE

Os ramos de Joinvile e Curitiba, combinaram num projeto único o Plano de Bem-Estar dêste inverno, fazendo atrativas tôcas ou capuzes de lã, de diversas côres, nos teares manuais. (Veja-se "A Gaivota", de fevereiro). Enquanto procurávamos uma saída para nossos artigos de lã, uma senhora de uma loja propôs que fizéssemos uma tôca igual àquela que vendia na loja, e que voltássemos com ela pronta, com o preço de cada unidade. Ela emprestou-nos uma como amostra, e voltamos a casa muito contentes com êste pedido. Escolhemos as mesmas côres de lã da amostra, aprontamos um tear, e não tardou que fizéssemos uma igual. Depois de ver o nosso trabalho, a dona da loja encomendou dez de diversas côres. Logo obtivemos mais uma encomenda de outra loja para mais doze peças. Dividimos as encomendas: Curitiba ficou de fazer doze, e Joinvile, dez. Prometemos entregá-las dentre de 10 dias.

Os missionários tomaram a iniciativa de comprar lã das diversas côres, e esticaram os fios nas máquinas. Daí os teares foram levados às casas dos membros onde êles tomaram a iniciativa de tecer o produto encomendado. Numa semana as encomendas de Joinvile estavam prontas e foram mandadas a Curitiba. Logo depois, recebemos outra encomenda, agora de Curitiba, para fazermos mais trinta

unidades. A partir de então, conseguimos obter outras encomendas de diversas lojas e chapelarias em Curitiba e Joinvile. Certamente, por causa do frio, as encomendas que temos agora estão ultrapassando a nossa capacidade de produção.

O sucesso foi tão grande, que aqui, em Joinvile, foi necessário encomendar mais quatro teares além dos dois que tínhamos. Os membros mostraram grande entusiasmo e o pleno desejo de trabalhar nesta fase do Programa do Bem-Estar. O Presidente Howells, ouviu falar de nosso progresso, e depois de ver uma tôca, soube porque. Sentimos agora, mais do que nunca, que somos mais unidos e tentamos mostrar nossa fé através das nossas obras lembrando o mandamento que se acha nas Doutrinas e Convênios, *"Eu vos digo: sêde um; e se vós não sois um, não sois meus."* Certamente somos abençoados pelo Senhor.

*Elder James H. Barwick Jr.*

PÔRTO ALEGRE

Alô, amigos e leitores de "A Gaivota", há tempos, que não têm vindo notícias do Sul, mas pelo que vamos ler a seguir, veremos que está progredindo muitíssimo. Em 28 de junho, realizou-se o Baile dos Namorados organizado pela A. M. M. que foi excelente. O salão estava enfeitado com flores, corações, e balões. O quarteto Missionário tomou parte em diversos números e foi muitíssimo aplaudido. Uma jovem deu-nos a satisfação de dançar um bailado. Completou a noite festiva um chá dos Elders, ou melhor, o aviso para que não se fumasse no salão. Compareceram mais de 200 pessoas.

Num dos armazéns de Pôrto Alegre, vai ser vendido trigo integral, arroz sem ser polido, café, cevada e outros produtos aconselhados pela Palavra de Sabedoria. Isto vai auxiliar muito a saúde dos A. P.

Durante êste mês foram visitados pelos Elders, o Prefeito Sr. Hildo Menegetti, e o Governador do Estado Sr. Walter Jobim, que ouviram com atenção os missionários e durante a sessão tiveram às mãos um exemplar do Livro de Mormon e das Doutrinas e Convênios.

O Instituto Cultural Norte-Americano, organizou um Côro Misto, no qual os Elders estão tomando parte. Por certo, dentro em breve os ouviremos, o que aguardamos com imenso prazer.

O dia dos pioneiros foi comemorado alegremente pela Mútuo. Tivemos filmes, bailados, jogos divertidíssimos, doces e refrescos. Para alegria dos organizadores, a assistência declarou que foi uma das festas mais lindas que tivemos, e que o ambiente foi dos melhores a que já estiveram presentes.

*Olga C. Bing*

NOVO HAMBURGO

No dia 8 de julho, os Elders Dellenbach e Wilcox, visitaram o Prefeito desta cidade, e explicaram o propósito de sua presença no Brasil. O Prefeito mostrou-se muito gentil dando permissão aos Elders para que organizassem reuniões na Praça Pública dessa bela cidadezinha.

SÃO PAULO

No dia de 25 de junho, Dilma Furtado foi batizada na casa da missão, e foi confirmada no mesmo dia, na reunião sacramental. Também, no dia 21 de julho, Olga Sommer e a sua filha Joyce, foram batizadas em Santos. A irmã Olga foi confirmada no dia 23, e Joyce, no dia 28. Estamos contentes com nossas novas irmãs.

No dia 1 de julho, realizou-se, sob a direção das Sociedades de Socorro, de São Paulo e Santo Amaro, o tradicional "Bazar." Os diversos trabalhos executados carinhosamente pelas assíduas freqüentadoras das reuniões, foram vendidos a preços razoáveis.

PONTA GROSSA

No dia 4 de julho, o Centro Cultural Americano, realizou um programa especial comemorando o Dia da Independência dos Estados Unidos. Os Elders que ensinam inglês no Centro, dirigiram seus alunos em canções especiais. O Elder Jack A. Brown teve a honra de sentar-se próximo ao Prefeito da cidade, no palco.

Realizou-se no dia 29, um piquenique em "Capão da Onça." Todos os presentes o apreciaram, desejando que outros a êste se sigam.

Deu-se a primeira reunião sacramental no dia 30 de julho, no ramo de Ponta Grossa. Temos um salão muito bonito. As reuniões são às 3 horas da tarde. A ela compareceram muitas pessoas, falando na ocasião o irmão Eloy Ordakowski que veio de Curitiba para êsse fim. Também falou o Elder Gerald Gess. Os Elders Wride, Hess Brown e Bushman cantaram. É com prazer que assinalamos o êxito dessa primeira reunião.

Dias depois os Elders Hess e Bushman foram transferidos: o primeiro para Sorocaba, e o segundo para Curitiba. Grande foi o empenho de ambos para ajudar êste ramo no seu começo.

SOROCABA

No dia 31 de maio, o Elder Fowles afastou-se do ramo por alguns dias para cantar no côro dos missionários que acompanhou o time de basquete da Universidade de Brigham Young durante as suas disputas no Brasil.

*(Conclui na pág. 184)*

## RUMO DOS RAMOS

*(Continuação da pág. 183)*

No dia 25 de junho, recebemos a visita dos Elders McBride e Wilcox. Na reunião sacramental, êsses Elders tiveram palavras inspiradas que jamais esqueceremos.

Revestiu-se de brilhantismo invulgar a festa de 28 de junho, organizada pela Associação de Melhoramentos Mútuos. Tivemos uma quadrilha autêntica, fogueira, baile, doces e um grandioso *show* com números de dança a cargo de Higino de Freitas e Alzira Vieira. A assistência foi calculada em cêrca de 250 pessoas que nos deixaram contentes com o ambiente que as cercava, elevado e pleno de amizade.

Antes de partirem para os Estados Unidos, deu-nos o prazer de sua visita os Elders Larsen, ex-presidente do distrito e Little, o ex-secretário da Missão Brasileira.

Chegou de Santos no dia 17 de julho, o Elder Vernon Snow para assumir a presidência do nosso ramo. Todos estamos bastante satisfeitos, pois o Elder Snow apesar de estar há pouco tempo entre nós, já conquistou a amizade dos membros e amigos da Igreja.

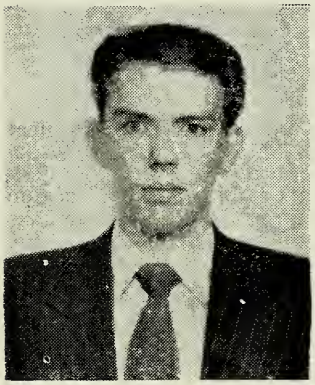
Com grande pesar para todos, terminou sua missão no dia 31 de julho, o querido missionário Elder Grant Kunzler. Êle voltou para o seu lar, mas sua lembrança permanecerá em nossos corações.

Com a chegada do Elder Gerald Hess, estamos com quatro missionários novamente para trabalhar no ramo de Sorocaba.

*Alzira Vieira*

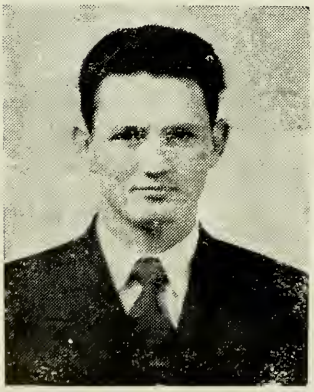
---

# NOVOS MISSIONÁRIOS



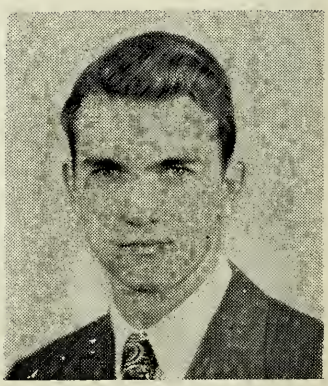
*Horace Dean Crandall*
Salt Lake City, Utah

*Maria Eunice Pires*
Rio de Janeiro, D. F.



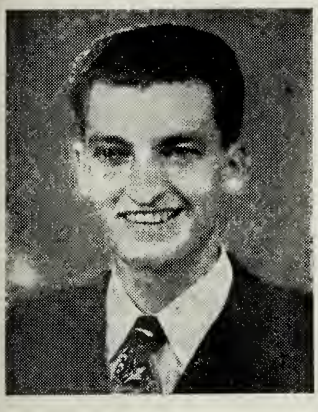
*John W. Ridge*
Provo, Utah

*Roy A. McClellan*
Mesa, Arizona



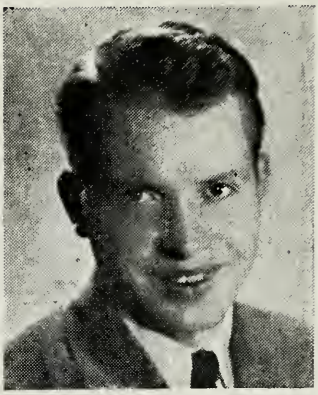
*Donald R. Lyman*
Salt Lake City, Utah

# MISSIONÁRIOS DESOBRIGADOS

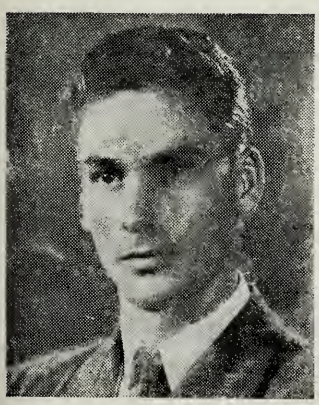


*James H. Barwick Jr.*
Station on, Box 2
Provo, Utah

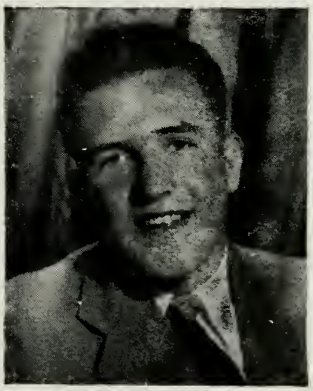
*Herbert R. Ludwig*
Star Route
Sandy, Utah



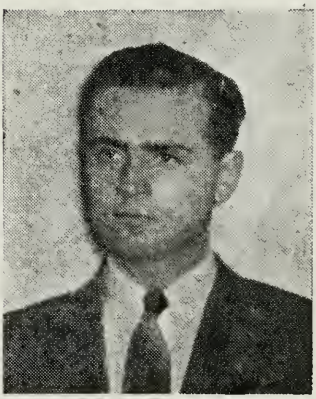
*Stanford P. Sorensen*
Route 1
Driggs, Idaho



*Richard P. Boyce*
1200 Charlton Avenue
Salt Lake City, Utah



*Grant H. Kunzler*
Willard, Utah



*Rolf J. Boehm*
644 South 105 St.
Milwaukee, Wisconsin

*Empenhamo-nos, usando todos os meios para que "A GAIVOTA" chegue à sua casa. Se não receber o seu número, é favor avisar os missionários, de sua cidade, ou escrever diretamente para "A GAIVOTA" Caixa Postal, 862, São Paulo, Capital*

# DÚVIDA

por *Richard L. Evans*

Muito ouvimos falar no que diz respeito à dúvida. Numa época de ceticismo e incredulidade geral, os homens se inclinam a duvidar de muitas coisas. Numa época em que tanta coisa que é falsa se encontra infiltrada em tanta coisa que é verdadeira, o homem em algumas regiões está propenso a considerar a dúvida como uma virtude e a duvidar até de certas coisas que estão bem apoiadas na verdade. De fato, muitos há que, pela licença que se lhes dá, clamam que duvidam até dos fundamentos nos quais a civilização se baseia.

A fim de que não tenhamos incompreensões sôbre a verdadeira natureza da dúvida, podemos dizer que ela em si não é vício nem virtude. Pode ser boa ou má. Se existe por si e se perpetua, é uma coisa prejudicial. Mas, se leva à busca do conhecimento e se retira, pode ter influência sã. Um duvidoso honesto procura resposta às suas perguntas. Mas, um duvidoso insincero guarda teimosamente a sua incredulidade como honra, evitando a luz que a eliminaria. O resultado lógico da dúvida honesta é a sabedoria. Um propósito é verdadeiro ou é falso. Quando tivermos decidido se é verdadeiro ou falso, teremos removido a dúvida. Em resumo, a dúvida que leva imediatamente à indagação, e que em conseqüência se elimina, é dúvida sã; mas a que se alimenta e se desenvolve, teimosa e indolentemente é prejudicial porque gera mais dúvidas. O duvidar pode ser um passo no caminho da sabedoria, mas nunca é o destino dêsse caminho. A franca pesquisa de uma mente honesta pode remover a dúvida até num mundo onde muitos se têm contentado com dúvidas sem as respectivas averiguações.